

GOIÂNIA: ENTRE A ESQUIZOFRENIA URBANA E OS DEVANEIOS QUIXOTEANOS

Goiânia: between urban schizophrenia and Don Quijote's daydreams

Marcelo de Mello*

***Universidade Estadual de Goiás - UEG**

Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas - PPPG em Ciências Sociais e Humanidades - TECCER

Avenida Juscelino Kubitschek, 146 – Bairro Jundiá – Anápolis, Goiás, Brasil – CEP: 75110-390

ueg.marcelo@gmail.com

RESUMO

Goiânia foi construída nas décadas de 1930 e 1940 para redefinir relações consolidadas em torno da tradição do ambiente rural. A nova cidade-capital emergiu para recompor valores e evocar potencialidades. Este processo objetivou a produção de uma nova relação do homem goiano com o mundo. Ele deveria pautar suas ações em uma racionalidade inerente a vida urbana. A nova sede administrativa estadual tornou-se capital de um Goiás mais urbano; contudo, o progresso vislumbrado não se fez presente. Goiânia configurou-se como uma cidade repleta de migrantes produtores de uma pressão por habitação. Tal pressão materializou a Vila Mutirão: um espaço segregado, na região noroeste da cidade, formado por casas de placas de cimento erguidas em regime de mutirão. Esta segregação foi sucedida por uma auto-segregação. Inúmeros condomínios horizontais foram edificados na região sul da cidade. Todavia, as regiões noroeste e sul de Goiânia não são caracterizadas somente por diversidades. Para apresentar uma unidade integradora promovemos um diálogo da ciência com a literatura. Nesta perspectiva, a esquizofrenia urbana de Santos (2004) e *Don Quixote* de Cervantes (1987) foram aproximados em um movimento de compreensão do processo de reprodução da metrópole goianiense.

Palavras-chave: Cidade. Segregação. Literatura. Razão.

ABSTRACT

Goiânia was built between the 1930s and 1940s to redefine well-established relationships built around a rural tradition. The new capital city emerged to restore values and to evoke potentials. This process established the need for a new relationship between the man from Goiás and the world. He should base his actions in a dynamic rationality inherent to an urban life. Goiânia showed the characteristics of a metropolitan city full of migrants, who created a demand for habitation. This pressure resulted in the construction of the Vila Mutirão. The houses, built in a cooperative effort, reveal a segregation directed towards the northwest of the city. Such segregation would be succeeded by a self-segregation: after the construction of the Vila Mutirão, the southern region begins to be "taken" by horizontal condominiums. Such regions are not characterized only by their differences. In order to illustrate the search for an integrated unity, we promote a dialogue between science and literature. In this perspective, the urban schizophrenia of Santos (2004) and *Don Quijote* of Cervantes (1987) were brought together in an effort to understand the reproduction process of Goiânia as a metropole.

Keywords: City. Segregation. Literature. Reason.

1 INTRODUÇÃO

No dia 16 de outubro de 1983, a imprensa nacional noticiou a construção de mil casas populares em um único dia no município de Goiânia. Essa iniciativa estava vinculada a uma ação da administração estadual, capitaneada pelo então governador Iris Rezende Machado. Narrativas

apologéticas descreveram e valoraram essa iniciativa marcada por um regime de mutirão, no qual os próprios moradores trabalharam no erguimento de moradias construídas com placas de concreto.

Certamente, é importante problematizar o contexto e a conjuntura que promoveram a construção dessas casas: se as novas edificações estavam associadas a um déficit habitacional passível de uma quantificação pontual e momentânea, elas representaram, também, a consolidação de um processo de urbanização promotor de alterações nas estruturas físicas e simbólicas da capital goiana, de avaliação bem mais complexa.

Para compreender o processo de redefinição do uso e da ocupação do espaço urbano de Goiânia, nos reportamos à precoce superação dos projetos originais delineadores da cidade planejada para ser a nova capital de Goiás no contexto de revolução de 1930. Percorrendo esse caminho, veremos que as referências estabelecidas para a construção de Goiânia foram corrompidas já no período das obras que antecederam sua inauguração. Desde as primeiras edificações, Goiânia tornou-se território de conflitos reveladores da distância existente entre o projeto idealizado pelos agentes políticos da época e as demandas materializadas por migrantes que não referenciavam sua vida na racionalidade instrumental (HORKHEIMER; ADORNO, 1985) referenciadora do projeto em curso. Suas ações eram pautadas, simplesmente, na obtenção das condições elementares para a reprodução de suas vidas.

Como desconsiderar que a cidade construída na gestão de Pedro Ludovico Teixeira, para ser o elemento urbano fundamental ao progresso dos goianos, foi materializada, em grande parte, por migrantes, por não-goianos? Nos canteiros de obras, as mãos condutoras dos carros-de-boi e manuseadoras das ferramentas utilizadas nas atividades de construção, não integravam somente corpos gerados no interior da sociedade goiana. Elas eram oriundas de outros lugares, vinculadas a outras mentalidades: faziam parte de outros espaços, distantes da visão de mundo representada pelo discurso modernizador de Pedro Ludovico Teixeira¹, interventor federal nomeado por Getúlio Vargas. O interventor assumiu a tarefa de recompor as bases produtivas do território goiano, com vistas ao atendimento das demandas oriundas do sudeste do país, sobretudo de São Paulo.

Foi a partir desse cenário que, cerca de quatro décadas após a inauguração de Goiânia, Iris Rezende Machado idealiza um “novo” estado de Goiás e uma “nova” capital goiana. No imaginário popular, ele tornou-se o abridor de estradas, o asfaltador de vias municipais, o construtor de moradias populares e o distribuidor de cestas básicas. Se o discurso de Pedro Ludovico Teixeira repercutiu nos goianos por representar a possibilidade de superação de uma estrutura oligárquica opressora; as falas de Iris Rezende Machado penetraram no coração dos goianos e dos migrantes, por aproximá-lo das demandas materiais elementares à reprodução de suas vidas.

A construção de mil casas populares em um único dia, a partir de uma associação direta da administração estadual com os futuros moradores desses “lares”, dá pistas de como Iris Rezende agia numa perspectiva discursiva, com vistas ao estabelecimento de uma empatia da população com sua imagem de gestor público próximo das necessidades populares. Assim, o ex-governador conquistou não só goianos de nascimento. Suas ações ganharam a simpatia dos migrantes radicados no estado.

Podemos afirmar que Iris Rezende fomentou o movimento migratório em Goiás: seja na perspectiva intra-municipal, do campo para a cidade; ou em escalas ampliadas, do interior do estado para a nova capital, bem como de outros estados para Goiás. Ao comparar os discursos de Iris Rezende com os de Pedro Ludovico Teixeira, devemos estabelecer algumas distinções fundamentais. Entre elas: enquanto o interventor da “revolução” de 1930 estruturava seus argumentos de maneira bem definida, apontando a nova capital como elemento privilegiado num processo articulado, com vistas a uma posterior irradiação dos benefícios advindos de Goiânia para o restante do território goiano; Iris Rezende assume o governo estadual num momento em que Goiânia era a capital da Unidade Federativa há mais de quatro décadas, sem difundir para a maior parte de seu território as benesses anunciadas no processo de transferência da capital.

Indiscutivelmente, Pedro Ludovico Teixeira combateu a estrutura oligárquica consolidada no estado. Contudo, o modelo por ele estabelecido produziu um ordenamento político-territorial privilegiador das necessidades do sudeste do país e não tornou a população goiana livre das exigências dos novos agentes econômicos. Da mesma forma, os municípios não se tornaram mais autônomos em relação à nova cidade-capital. Nesse ambiente controverso, Iris Rezende é empossado governador² e assume o papel de provedor das demandas individuais das famílias “carentes” residentes em Goiás.

Sob a sombra provedora projetada pelo ex-governador dos anos 1980, é nitidamente percebida uma nova movimentação de pessoas pelo estado: uma movimentação improvisada e continuada. A esperança de uma casa popular e a certeza de uma cesta básica, impulsionaram o deslocamento de goianos pelo estado, bem como convidaram migrantes de outras Unidades Federativas a experimentar essa realidade.

Dessa forma, um discurso impreciso mais contundente (des)governou o deslocamento de pessoas por Goiás. Certamente, a nova cidade-capital foi severamente afetada por essas ações em que políticos faziam às vezes das políticas públicas inexistentes ou escamoteadas. No curso desse processo, as iniciativas programáticas de Pedro Ludovico foram substituídas pelas respostas imediatas e apaixonadas de Iris Rezende. Cabe ressaltar que as paixões estão distantes das recomendações científicas utilizadas para referenciar as reformas urbanas promovidas a partir das revoluções burguesas. Elas podem ser mais bem entendidas quando lançamos mão de comparações literárias, que narram tempos de continuidade e ruptura por meio de uma linguagem com outras nuances.

Há algum tempo, qualquer tentativa de aproximação entre ciência e literatura seria previamente condenada. Contudo, tem havido uma revisão do papel da literatura como registro de fatos e eventos relevantes para a compreensão do processo de composição do sistema-mundo hoje constituído. Avaliamos que a literatura, apreendida como representação das relações travadas em um mundo entendido como inteligível, não dispensa a presença de critérios. Pelo contrário, torna-os imprescindíveis, pois são eles os garantidores das coerências fundamentais para tornar escritos literários indicadores do espírito de um território datado.

Nesse sentido, pedimos licença a Cervantes para fazer uso de um personagem por ele criado para narrar um dos momentos de transição mais importantes da história recente da humanidade. Um momento em que as representações passaram a ser limitadas por critérios próprios e, previamente definidas. Trata-se de Dom Quixote, de um cavaleiro mundialmente conhecido por deslocamentos ditados pela “loucura”, num momento em que a razão se tornava a grande referência para a emancipação do homem percebido como um ser genérico e universal.

E na contramão desse percurso, o cavaleiro errante tornou-se conhecido por criar sentidos e percepções particulares, afrontando o projeto de construção de uma universalidade eivada de determinações prévias. Na atualidade, esse anti-herói é ridicularizado até pelas pessoas que nunca leram a importante obra de Cervantes, demonstrando a força estabelecida por meio de mecanismos totalizadores, com vistas ao controle da sociedade territorializada. O cavaleiro estereotipado tornou-se referência negativa: aquela que não deve ser seguida!

O presente artigo é produto de uma pesquisa³ que relacionou Dom Quixote e sua imagem de louco – do personagem perdido no interior de seus devaneios – com a esquizofrenia urbana teorizada por Santos (2004): uma esquizofrenia presente em cidades como Goiânia. Consideramos que o espaço metropolitano apresenta elementos que aproximam o personagem da obra de Cervantes do conceito trabalhado pelo geógrafo brasileiro. Ambos trataram de homens perdidos no interior de relações espaço-temporalizadas. O primeiro, em um momento em que a razão emergia como atributo humano privilegiado; o segundo, quando a razão passa a ser questionada.

2 ENTRE TRANSPOSIÇÕES E ENCONTROS

Cervantes criou um personagem – em 1605 – que se tornou mundialmente conhecido. O novelista espanhol foi o responsável pela produção de uma nova literatura. Dom Quixote era um fidalgo – que à época era caracterizado por uma nobreza não correspondida pela riqueza – ensandecido por leituras cavaleirescas repleta de tramas comuns ao seu espaço-tempo.

Como produtos dos devaneios quixoteanos temos as andanças ditadas pelas circunstâncias e pela ausência de um rumo certo. A indefinição de sua identidade é outra marca registrada do senhor de Sancho Pança. Ele não distinguia muito bem os limites de sua vida e de seu lugar.

Nesse ponto, indagamos se existe alguma semelhança entre Dom Quixote e os migrantes materializadores de Goiânia? Seria possível algum tipo de articulação entre certa esquizofrenia quixoteana e a esquizofrenia deflagrada por projetos modernizadores promovidos no século XX? Evidentemente, qualquer tentativa de aproximação de “personagens” exige uma boa calibração de contexto e conjuntura. Não podemos romper séculos e afrontar a teoria do conhecimento irresponsavelmente.

Na busca por elementos comuns presentes nas distintas realidades aqui contempladas, encontramos a oposição cidade-campo: ela tem rompido os séculos sustentada por discursos produzidos pela burguesia, desde sua ascensão na Europa feudal em crise. Abordando esse importante processo destacamos “*a história da loucura*” revelada por Foucault (2005). Nessa obra, é evidenciada a forte ligação entre a cidade e a disciplina instituída por meio de formulações conceituais. Como exemplo, ressaltamos que na retomada do caminho urbanizador em solo europeu, a figura do “louco” foi associada aos que colocavam o sistema produtivo forjado pelas revoluções burguesas em risco⁴. E tal sistema era alicerçado pelo modo de vida citadino.

Acreditamos que esta abordagem pode intermediar uma aproximação entre “loucuras” deslocadas no tempo e reunidas no território⁵. É importante frisar que a notória oposição cidade-campo – presente na articulação dos discursos sistematizadores da modernidade – não avança linearmente pelo mundo colonizado por potências européias. Pelo contrário, seu movimento é heterogêneo e adquire particularidades à medida que transpõe fronteiras.

2.1 Da medida do controle ao descontrole da medida

No contexto do processo de urbanização aqui contemplado, a cidade torna-se desejada por expressar a liberdade distante da vida servil manifestada nos feudos. Por esta razão, apresenta uma expansão em sua dimensão física, bem como em suas formas e em seus conteúdos.

Na atualidade, grandes cidades convertidas em metrópoles vêm experimentando um esvaziamento demográfico. Este fenômeno ocorre, principalmente, em países com elevados índices de IDH⁶. Contudo, os grandes centros urbanos continuam sendo preenchidos por novos objetos, repletos de sentidos simbólicos, que reinventam a vida urbana. Nos países com baixos índices de IDH, as metrópoles também são preenchidas por novos objetos. Entretanto, estas cidades não deixaram de apresentar, em muitos casos, um crescimento populacional expressivo, potencializando conflitos das mais diversas naturezas.

Grandes cidades tomadas por enormes déficits sociais revelam a simultaneidade de tempos desiguais num “mesmo” território, evidenciada por Santos (2004). Esta simultaneidade é percebida quando nos atentamos para a sobreposição/superposição de objetos com distintas datações. Ao contrário do que muitas vezes é indicado, não existe uma justaposição na relação entre os objetos, como se as fronteiras temporais que os “separam” fossem respeitadas pelas relações territorializadas.

Os objetos produzidos em momentos distintos são, incessantemente, reapropriados. Eles são envolvidos pelos movimentos sociais, promovendo o que Santos (2004) qualificou como

relação “indissociável entre sistema de objetos e sistemas de ações”. Segundo o geógrafo, é assim que se dá o processo de reprodução do espaço habitado pelo homem.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que o cavaleiro de Cervantes rompeu os séculos e transpôs fronteiras paradigmáticas constituídas. Na realidade, entendemos que ele foi posto em uma fronteira móvel propiciadora de seu encontro com homens situados em distintos territórios datados: inclusive nos reproduzidos no espaço urbano de Goiânia. Tanto o cavaleiro errante quanto a maioria dos operários construtores de Goiânia, apresentam uma vida ruralizada, não urbana. O primeiro está “confinado” na realidade rural descrita por Cervantes, enquanto os operários, em sua maioria, saíram do campo e foram para a cidade-capital em construção, repleta de esperanças previamente anunciadas. Entretanto, mesmo no ambiente urbano, os migrantes continuam a materializar a vida rural por meio da criação de galinhas, plantações de cebolinhas e couve em suas residências, definitivas ou improvisadas.

Dom Quixote, bem como os personagens anônimos afetados pelos discursos dos modernizadores de Goiás, tinha como tarefa promover uma nova história a partir da ressignificação dos territórios de então. As mãos do intrépido cavaleiro manejavam escudos e lanças utilizadas nas equivocadas correções das injustiças identificadas pelo transtornado anti-herói. Da mesma forma, os operários da cidade inaugurada por Pedro Ludovico empunhavam ferramentas importantes para a superação dos desafios urbanizadores da época. Todavia, os desafios a serem enfrentados eram definidos por outros ajuizadores. E qual seria a principal tarefa? Conduzir o povo radicado no Cerrado goiano a uma condição de progresso contínuo.

Se para o anti-herói espanhol os monstros surgiam a partir de moinhos, assim como rebanhos de ovelhas assumiam a forma de exércitos inimigos; para os heróis desafiadores das agruras sertanejas do estado de Goiás, os obstáculos a serem superados eram notados não pela presença de objetos: era sua ausência a indicadora de problemas. Por isso, era imprescindível romper com o vazio inibidor de ações modernizantes e emancipadoras. As estradas pavimentadas, as casas, os edifícios inspirados pela *Art déco*⁷, os postes sustentadores das redes de transmissão elétrica, dentre outros objetos, representavam a superação de um estado de atraso apresentado como maléfico por discursos repletos de representações.

Diante do cenário descrito, seria possível indicar quando a identidade aqui apresentada – entre os personagens/homens – começa a ser construída? Entendemos que a aproximação se inicia quando a cidade-capital planejada deixa de existir somente como projeto delineado em papel e começa a ser territorializada, ainda sob o comando político de Pedro Ludovico. Entretanto, ela adquire outra dimensão e avança por sobre a vida de milhões de pessoas⁸ quando Goiânia assume a forma de metrópole. É a partir de então que a loucura quixoteana torna-se mais evidente na região metropolitana constituída a partir da nova sede administrativa do estado. Neste momento, há uma efetiva transposição da realidade urbana do plano cartesiano para a dimensão real e contraditória. É a partir de então que todo um ordenamento urbano-geométrico é transposto, dando lugar a uma (des)ordem deflagradora de uma realidade metropolitana.

Os nexos disciplinadores do espaço-tempo da cidade-capital foram delineados por mãos que empunhavam esquadros e transferidores. Todavia, a lógica geométrica foi rompida pelos reprodutores do território da nova cidade-capital, que desconheciam a linguagem matemática. A partir dessa incongruência, há uma recomposição da estrutura urbana, que passa a ser progressivamente complexificada. Os objetos construídos para preencher os vazios materiais e discursivos têm suas funções e sentidos redefinidos.

A geometria pautada numa relação linear de distanciamento entre o centro e sua periferia – balizadora do plano urbanístico de Goiânia – é dissolvida, dando lugar a diversas centralidades articuladoras de formas espacializadas assimétricas e fugidias. A gestão do deslocamento das pessoas não é mais centrada unicamente em uma praça – a Praça Cívica⁹ –. Os deslocamentos tornam-se difusos. A cidade do espaço racionalizado vai cedendo lugar a uma metrópole irracional.

Em um curto espaço de tempo, a metrópole goianiense tornou-se um lugar repleto de estranhamentos. Seus moradores não caminham sempre de forma segura e consciente por suas ruas, que se tornaram lugares de passagens e perderam sua “natureza” de espaço de convivência. Goiânia passa a ser tomada por um sentimento de não integração do morador com seu conjunto arquitetônico e urbanístico: consolida-se um estado de alienação. Esta alienação, que também é facilmente identificada no cavaleiro errante de Cervantes, vai sendo incorporada pela população da nova capital estadual metropolizada.

3 ENTRE O MOVIMENTO E OS OBSTÁCULOS

Entre os grandes desafios das metrópoles brasileiras um dos mais exaltados é o da mobilidade urbana. A população das metrópoles sofre os efeitos da discrepância apresentada por uma relação centrada em três elementos: capacidade de fluxo das vias, quantidade de veículos automotivos particulares e as condições precárias do transporte coletivo urbano.

Um fato a ser destacado é o “desordenado” crescimento das cidades. Em uma metrópole como Goiânia existem bairros com uma densidade populacional extrema, em contraposição a outros com taxas mínimas de ocupação. Esta discrepância pode ser entendida quando consideramos que o solo urbano assume, no interior do sistema capitalista, a condição – preponderante – de mercadoria no centro das ações que dão curso à gestão territorial.

Num mundo comandado pela voracidade do capital especulativo, as tentativas de estabelecimento de critérios para “ordenar” o uso e a ocupação do solo são inviabilizadas. As distorções exigidas pela especulação capitalista impõem padrões de ocupação irracionais. A força incorporadora dos grandes grupos econômicos submete os critérios à sua necessidade, territorializando o desequilíbrio e a assimetria no espaço urbano (HARVEY, 1980). Um ordenamento planejado e sistematicamente implantado é, para o agente capitalista, um obstáculo as suas ações imediatistas, carregadas de conceitos que respondem mais as questões momentâneas do que às aspirações de uma cidade historicamente territorializada.

Neste contexto, o deslocamento das pessoas pelo espaço urbano é obstacularizado por uma contradição inerente à reprodução ampliada do capital investido no “solo” das cidades: a mobilidade privilegiada pelos agentes públicos e privados, não é a do cidadão em suas atividades de estudos, trabalho e lazer. Para eles, o que importa é o valor agregado a um lote de terras num determinado bairro. O que interessa é uma movimentação especulativa que multiplique o valor de um terreno em vias de urbanização.

O elevado número de lotes não edificados no interior das cidades demonstra o caráter especulativo de tais propriedades. A própria expressão caracterizadora destes lotes apresenta, hoje, uma contradição conceitual indicadora da depreciação da dimensão pública do espaço urbano. No início da estruturação das cidades brasileiras, os terrenos “baldios” eram os destinados ao uso público. Abreu (1998) esclarece que tais espaços não podiam ser destinados como posse específica e individualizada, devido a sua função social, previamente estabelecida. Atualmente, os terrenos “baldios” são associados à insalubridade e a propagação de mazelas das mais distintas naturezas.

Em um mundo caracterizado por redefinições semânticas, as moradias passam a ter seu valor atribuído por conceitos arquitetônico-urbanísticos apregoadores de uma qualidade de vida mercantilizada. Isto porque a irracionalidade revelada pelas ruas fez com que os empreendimentos urbanos privilegiassem uma auto-segregação. O bom projeto é o que faz com que o consumidor possa dispensar o espaço público. Consolida-se uma pedagogia da valorização intra-muro. A rua passa a ser percebida como o lugar da ameaça pública e a sensação de segurança, é atrelada a dimensão da vida privada. Seguindo esta orientação, o ar-condicionado nos automóveis torna-se um item de segurança por permitir o deslocamento das famílias com os vidros fechados. O carro blindado e rastreado passa a ser utilizado pelos que podem arcar com seus custos. Estes veículos “funcionam” como uma redoma protetora nos momentos de exposição aos riscos das vias públicas.

Contudo, estes automóveis de custo elevado não garantem uma livre circulação. Eles são obstruídos pelo excesso de veículos individualizados impulsionados por sentimentos semelhantes.

Por sua vez, a auto-segregação foi antecedida por uma segregação. Existem os que podem definir e redefinir seu lugar de moradia e os que são “assentados” em lugares não desejados. Sobre os últimos atuam forças contrárias a sua vontade. Os segregados são conduzidos a lugares caracterizados pela dificuldade de acesso às suas demandas. Seus deslocamentos pelas vias públicas são mediados por um sistema de transporte coletivo caracterizado por um estado de caos. Como consequência, há uma proliferação de motocicletas circulando pela cidade, afrontando os parâmetros mínimos de segurança no trânsito. Nesse movimento, identificamos uma semelhança entre este segmento e o anteriormente contemplado: as soluções encontradas pelos segregados também são vazias quando consideramos as demandas por ações coletivas. Os problemas são pensados a partir de escalas individualizadas. E os caóticos deslocamentos nas grandes cidades tornaram-se emblemáticos quando tratamos desse modelo de sociedade urbano-atômica, repleta de motocicletas e carros, alguns deles blindados.

4 A JUSTIÇA SOCIAL NA OBRA DE DAVID HARVEY

Como pensar o processo de consolidação desse modelo? Existe uma lógica promotora de uma continuidade no processo de reprodução do território urbano? É correto situar a renda em um lugar privilegiado quando refletimos sobre o acesso desigual aos serviços e equipamentos urbanos no contexto dos processos de segregação e auto-segregação? Em que medida a vida de Dom Quixote, com suas experiências pautadas na imprecisão de seus julgamentos, é reproduzida nas cenas urbanas do mundo hodierno?

Harvey (1980) elaborou uma proposta para a análise de questões urbanas relacionando justiça social¹⁰ e renda. Para ele, a proximidade e o acesso aos serviços e aos equipamentos públicos têm um peso significativo e diferenciado em um espaço urbano heterogeneamente habitado. O geógrafo anglo-saxão enfatiza, ainda, a existência de uma competição travada entre os “lugares” da cidade. Competição caracterizada, sobretudo, pela desigualdade.

Para ilustrar o intrincado processo de reprodução das cidades e as implicações da gestão de seu território no estabelecimento de uma (in)justiça social, centrada na renda, o autor ressalta os elementos que deram sentido à produção dos subúrbios nas cidades estadunidenses. No caminho por ele trilhado, é ressaltada a segregação de alguns segmentos da sociedade em lugares centralizados das cidades – originando os chamados *guetos* –. Numa perspectiva contrária e simultânea, houve um processo de auto-segregação direcionando outros segmentos¹¹ da sociedade para as bordas dos espaços urbanos, conformando os subúrbios.

A reconfiguração territorial do espaço urbano foi acompanhada por uma redefinição na localização das unidades produtivas. As empresas solicitadoras de trabalhadores qualificados e melhor remunerados migraram para as proximidades dos subúrbios. Já os segregados habitantes dos *guetos* experimentaram um distanciamento e uma impossibilidade de acesso às novas unidades produtivas; restando, para eles, uma proximidade com empresas em que o trabalho não exige qualificação específica e os salários são baixos.

A realidade urbana brasileira apresenta uma infinidade de elementos que a diferenciam do cenário apresentado por Harvey (1980). O processo de crescimento urbano não se pautou na mesma relação entre o centro das cidades e a produção de sua periferia. Na realidade, as periferias das cidades brasileiras foram, a princípio, destinadas à população de baixa renda, com a abertura de loteamentos e a construção de conjuntos de habitações erguidos, muitas vezes, sob a tutela de instituições oficiais.

A incorporação de áreas não centralizadas pela classe média é um fenômeno mais recente e está associado a um cenário de violência urbana instaurador de um estado de insegurança e medo. Sensações de desconforto passaram a ser vinculadas ao espaço público das cidades e serviram de

“matéria-prima” para a instrumentalização de conceitos qualificadores de empreendimentos imobiliários. Empreendimentos projetados com ênfase em elementos indicadores de uma segurança excludente, no interior de um espaço urbano privado e seletivo.

Assim, a periferia das cidades brasileiras foi cindida. Em Goiânia, temos no ano de 1983 a grande marca de um processo de espraiamento urbano com a construção da Vila Mutirão, no governo de Iris Rezende Machado. Naquele momento, a cidade é tomada por um processo de decantação da população de baixa renda. Com o passar do tempo, foram sendo formados ao redor da Vila Mutirão – região noroeste da capital – bairros com carências sociais flagrantes e profundas. As mil casas erguidas em um único dia deram início a um processo pautado em uma territorialização segregadora.

Dois décadas depois, a periferia diametralmente oposta à região noroeste de Goiânia passou a ser tomada por condomínios fechados horizontais, destinados a uma classe média sedenta por uma segurança não encontrada nos espaços públicos. Essa demanda repercutiu conceitualmente nas propostas apresentadas pelos agentes imobiliários. Estes ofereceram uma série de produtos imobiliários prontamente adquiridos, dando vazão a uma expressiva e rápida auto-segregação. A região sul da cidade abrigou parte de uma classe média atormentada pela insegurança manifestada nas ruas da cidade.

O espaço público tornou-se o lugar do medo. Os condomínios horizontais foram – e são – construídos como alternativa higienizada aos portadores das condições materiais requisitadas para o acesso a um território muito restrito. A perspectiva de uma vida segura redefine a dimensão da vida privada. A convivência nas cidades adquire um sentido contrário quando consideramos o valor atribuído ao espaço público pela burguesia emergente em terras européias nos tempos das grandes navegações. Naquele momento, o espaço público era o lugar do encontro e dos debates que garantiam o afloramento do bom senso fundamental a manutenção da ordem social (GOMES, 1996). Atualmente, nas cidades brasileiras, é o espaço privado o revelador de “virtudes”. Nele, o homem bem-sucedido pode aproveitar os “frutos de seu trabalho”. Nesta perspectiva, os espaços de convivência tornaram-se excludentes para garantir – em tese – um distanciamento das mazelas reproduzidas em um território urbano em que nem todos são “virtuosos”.

Contudo, não foram apenas os condomínios fechados que promoveram o adensamento da região sul de Goiânia. Nela foram erguidos o Paço Municipal, espaços culturais, edifícios do poder judiciário, e, em breve, a Assembléia Legislativa do estado, além de inúmeras obras de infraestrutura.

Já os moradores da região noroeste não foram contemplados com as obras e os equipamentos básicos, apesar de um adensamento populacional firmado há décadas. O acesso aos recursos imprescindíveis à reprodução de suas vidas é difícil e apresenta um custo expressivo com transporte coletivo para a população com a menor renda média da cidade.

Numa tentativa de compensar o distanciamento imposto aos segregados da região noroeste, o poder público legalmente constituído – o mesmo que define onde são construídos os equipamentos e órgãos como hospitais, Paço Municipal, Assembleia Legislativa, Fórum, dentre outros – estabeleceu uma tarifa diferenciada para o transporte coletivo que atende, precariamente, os segregados¹².

Entretanto, tais medidas não repercutem de maneira efetiva. O que fica evidente é uma maior drenagem – proporcional – da renda dos moradores da região noroeste. Em um questionário aplicado no principal terminal de ônibus da região¹³ – e o mais movimentado da cidade – 78.09% dos entrevistados afirmaram que o deslocamento via transporte coletivo consome mais de 35% da renda familiar¹⁴ e torna o subsídio do transporte insuficiente como medida de compensação. Na mesma oportunidade, 72.38% dos consultados indicaram que o custo com o transporte coletivo compromete a qualidade da alimentação da família¹⁵, bem como restringe o acesso à cidade. Ressaltamos, ainda, que 84.76% dos entrevistados afirmaram que não conhecem ou frequentam outros lugares da cidade¹⁶ devido à precariedade e aos custos do transporte coletivo.

O contato com a população por meio do questionário revelou uma indignação: os herdeiros compulsórios da segregação iniciada com a Vila Mutirão habitam uma das regiões mais densamente povoada da capital goiana. Entretanto, decorridos mais de quinze anos do início da implantação dos *VaptVupt*¹⁷, ainda não foram contemplados com uma unidade que viesse a atendê-los. “*É como se nós não tivesse direito, não merecesse!*”. Estas foram às palavras de um dos entrevistados.

Neste contexto, há, também, uma diferença relevante nos movimentos manifestados no território urbano de Goiânia. Na região noroeste, há uma forte gravitação em torno de um terminal de ônibus. Nele, pessoas se espremem e se acotovelam num movimento orquestrado por planilhas definidoras dos horários de saída e retorno de ônibus. Certamente, Dom Quixote viveria grandes batalhas desafiando os monstros engolidores e cuspidores de pessoas.

Na outra região não temos a presença de terminais de ônibus. O que se percebe são avenidas linearmente definidas. No horário de pico, os carros particulares formam imensos engarrafamentos. E a partir dos ditames impostos por planilhas elaboradas para orquestrar a abertura e o fechamento de semáforos, percebemos um lento deslocamento de veículos de uso privado. Se estivesse presente neste cenário urbano, o cavaleiro de Cervantes duelaria com os monstros semaforicos que teimam em impedir o fluxo de carros povoados por pessoas que só desejam seguir o curso de seu trajeto. Estas não são as únicas aproximações possíveis entre cenários arquetizados com vistas à produção de uma diferença engendrada. É o que o que veremos a seguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciado no tópico anterior, Harvey (1980) relaciona justiça social, renda e o acesso aos equipamentos e serviços oferecidos pela cidade. Nesta perspectiva, podemos indicar uma nítida drenagem da renda dos moradores da região noroeste, o que interfere nas manifestações reveladoras das existências destas pessoas. A reprodução de suas existências se dá a revelia do tratamento médico adequado, da educação de qualidade, dentre outras carências. Pessoas com endereço, nomes, documentos e gostos próprios são inseridas em um processo de esquizofrenia em que demandas e ofertas estabelecem sensações e possibilidades conflitantes: os veículos de comunicação tornam tudo visível e desejado por meio de imagens fartamente distribuídas de produtos vinculados a educação, saúde, transporte etc. Contudo, o acesso aos objetos e serviços veiculados é atingível somente na esfera do desejo para grande parte da população. As sensações de proximidades e distanciamento fazem com que o ambiente urbano adquira um caráter insólito.

Numa outra perspectiva, temos a emergência de uma interessante contradição. A cidade planejada por uma racionalidade instrumental, encarregada de guiar o homem a um estado de progresso contínuo, começa a ser “tomada” por elementos fortalecedores de uma fé contestadora da hegemonia dos modelos racionais. A cidade torna-se um espaço marcado pela construção de inúmeros templos religiosos, de variadas bandeiras. Além dos templos religiosos, figuras tradicionais como benzedores e raizeiros não apenas permanecem: eles têm sua presença fortalecida no espaço urbano. Os segregados têm grande parte de suas demandas atendidas nesses espaços em que a fé suplanta a supremacia da racionalidade humana.

Aliás, estes elementos estão presentes, também, na vida dos auto-segregados. Apesar do acesso aos serviços e aos equipamentos públicos e privados, esse segmento está sendo incomodado por relações estabelecidas no interior de seu espaço privado, de seu espaço de “segurança”. Isto porque os elementos instauradores do medo em suas vidas estão sendo manifestados no interior de seu núcleo de relações próximas e restritas. As famílias isoladas em condomínios fechados estão sendo vitimadas por condutas e comportamentos indesejados: consumo de drogas, violência doméstica, depressão, dentre outros transtornos, burlam os sistemas de segurança e penetram na intimidade dos lares adornados. Portanto, apesar dos esforços empreendidos, os muros erguidos para isolar o território dos condomínios das vias públicas não impedem a penetração de mazelas em seu interior.

O fato é que o isolamento higienizador tem sido bem-sucedido no processo de reprodução do capital pela via dos empreendimentos imobiliários. Entretanto, nos testemunhos realizados nas igrejas destinadas à classe média¹⁸, impera os relatos de lutas travadas frente às condutas indesejadas citadas no parágrafo anterior. E a igreja não é o único ambiente a conferir consolo aos desalentados habitantes dos condomínios fechados da região sul. Sua presença é marcante nas casas simples dos benzedores residentes na periferia destinada aos segregados. Assim, os auto-segregados buscam solucionar seus problemas em lugares classificados como inseguros, por serem cercados de espaços públicos por todos os lados.

Desta forma, a razão é desafiada pela vida territorializada em Goiânia, como em outras cidades. Nos territórios urbanos, certa esquizofrenia inviabiliza uma “coerência” linearmente projetada, com vistas a um julgamento prévio de coisas e pessoas. O controle cognitivamente gestado, por meio da produção de símbolos estrategicamente territorializados, mostra seus limites quando os espaços “assépticos” e os espaços “insalubres” revelam um compartilhamento que contraria as posturas totalitárias. Em uma cidade como Goiânia, Dom Quixote transita compartilhando espaços e tempos com segregados e auto-segregados. Ele, assim como os demais moradores da cidade, revela dificuldades no processo de avaliação dos sentidos atribuídos aos objetos erguidos na metrópole goianiense.

NOTAS

¹ Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1915). Um dos líderes da Revolução de 1930, em Goiás. Interventor federal no estado (1930-1933) e governador de (1935-1937). Foi responsável direto pela mudança da capital da cidade de Goiás (ex-Vila Boa) para Goiânia.

² Em 1985, na primeira eleição direta para governador depois do regime militar.

³ Pesquisa desenvolvida durante o estágio de Pós-Doutorado realizado no IESA/UFG, de agosto de 2011 a junho de 2012.

⁴ Ou seja, o conceito de louco é atrelado a condutas gerais que, no entendimento de alguns, ameaçavam a sociedade urbana.

⁵ Por território entendemos uma dimensão do espaço caracterizada pelas relações de poder.

⁶ Índice de Desenvolvimento Humano.

⁷ Estilo arquitetônico dos primeiros prédios de Goiânia, a nova cidade-capital de Goiás, projetada em 1933 por Atílio Correa Lima.

⁸ Segundo a Estimativa 2011 do IBGE, a Região Metropolitana de Goiânia possui 2.206.134 habitantes.

⁹ A Praça Cívica é o elemento central no processo de construção da nova capital. Ela foi construída para abrigar as sedes administrativas do estado e de sua capital.

¹⁰ Nesta obra, Harvey aborda a justiça social “como se a filosofia social e moral fosse um campo distinto de pesquisa, através do qual princípios éticos absolutos pudessem ser afirmados com toda força de lei moral” (HARVEY, 1980, p. 06).

¹¹ Os segregados foram, principalmente, os negros e os hispânicos. Já os auto-segregados eram os brancos que representavam o “espírito americano”, que salvaguardava “modo de vida americano”.

¹² O eixo leste-oeste é o corredor de transporte coletivo que atende a população da região noroeste de Goiânia. A tarifa cobrada neste eixo é 50% que menor do que a cobrada pelas demais linhas urbanas da Região Metropolitana.

¹³ Foram aplicados 210 questionários – entre os dias 21 e 24 de março de 2012 – nos períodos matutino, vespertino e noturno, no Terminal Padre Pelágio.

¹⁴ Considerando a ida ao trabalho, o deslocamento dos filhos para a escola, a busca por serviços públicos e o lazer.

¹⁵ Um questionário semelhante foi aplicado nos moradores dos condomínios. O local escolhido para a aplicação foi um centro comercial que atende esta população. Segundo eles, os custos com transporte representa, em média, menos de 10% da renda e não compromete a qualidade da alimentação das famílias.

¹⁶ Entre os lugares desejados e não freqüentados/visitados temos os Parques Flamboyant, Vaca Brava e Mutirama. No caso do Mutirama, a grande queixa é da impossibilidade de uma maior freqüência neste espaço. Já os Parques Flamboyant e Vaca Brava nunca foram visitados pelos entrevistados.

¹⁷ O Vapt Vupt é uma rede de Serviço Integrado de Atendimento ao Cidadão. Ele foi criado pelo Decreto Nº 5.177, de 29/02/2000. Suas unidades concentram postos de serviços de diversos órgãos das esferas municipais, estaduais e federais.

¹⁸ Acompanhamos alguns cultos em que testemunhos de “vitórias” são relacionados à ação divina.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, jan/julho. 1998, p.5-26.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOMES, Paulo C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HARVEY, David. **Justiça social e cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica - tempo/razão - emoção**. São Paulo: Edusp, 2004.

Data de submissão: 17.05.2013

Data de aceite: 03.08.2016

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.